

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica – Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, EDUSC, 2002.

A PROVA DO ESTRANGEIRO

*Maria Clara Castellões de Oliveira**

L'Épreuve de l'Étranger, de Antoine Berman, lançado na França pela Gallimard, em 1984, chegou finalmente ao contexto brasileiro em 2002, com o título de *A prova do estrangeiro*. Ele foi publicado pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC) e traduzido por Maria Emília Pereira Chanut. Dividido em onze capítulos, um prefácio, uma introdução e uma conclusão, este livro se faz acompanhar de numerosas, porém valiosas, notas de pé de página, que servem ao propósito de fornecer referências bibliográficas, explicitações terminológicas, comentários mais detalhados sobre as questões discutidas e informações que demonstram a proficiência dos assuntos em pauta.

A proposta de Berman, tal como por ele apontada no subtítulo de sua obra e tornada explícita no texto “A tradução em manifesto”, que lhe serve de prefácio, foi a de recuperar a história da tradução no contexto romântico germânico e, nesse sentido, proporcionar uma compreensão mais abrangente do estado de desenvolvimento atual dessa disciplina. Desse modo, *A prova do estrangeiro* constitui não apenas uma arqueologia da tradução como também um canal que ilumina os contatos do pensamento tradutório contemporâneo com a tradição da tradução na Alemanha.

* Professora do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução/Inglês e do Mestrado em Letras: Teoria da Literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nesse estudo, Berman não deixa de mostrar os seus próprios posicionamentos acerca da tradução. Na verdade, ele referenda muitos dos preceitos tradutórios de extração germano-romântica, como o fizeram Walter Benjamin, Franz Rosenzweig, Jacques Derrida e Lawrence Venuti. Para ele, por exemplo, a má tradução é aquela que “geralmente opera sob pretexto de transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (p. 18); “a tradução faz girar a obra, revela dela uma outra *vertente*” (p. 21). Desse modo, ele renega as traduções etnocêntricas, defendendo as traduções estrangeirizantes e a tradução como uma atividade de crítica.

Na “Introdução”, Berman justifica o seu interesse pela abordagem das especificidades da teoria da tradução erigida pelos românticos alemães, dizendo acreditar que ela constitui “em muitos aspectos o solo de uma certa consciência literária e tradutória moderna” (p. 40). Ele se lançou a tal empreitada movido por sua faceta não só de teórico da linguagem, mas também de tradutor, cuja experiência de tradução para o francês de textos latino-americanos modernos, como os de Guimarães Rosa, incita, a exemplo do que aconteceu na Alemanha romântica, a criação de reflexões teóricas que levem em conta a especificidade das tradições que os constituíram.

No primeiro capítulo do livro, “Lutero ou a tradução como fundação”, Berman enfatiza a importância histórica da tradução da *Bíblia* por Martinho Lutero e, conseqüentemente, daquelas traduções que, a exemplo da mencionada, surgem em momentos cruciais do desenvolvimento de uma língua, de uma literatura e de uma cultura, subsistindo à luz das tradições do original e de outras tantas que faz surgir. A *Bíblia* de Lutero inaugurou no contexto alemão uma tradição de tradução pautada fundamentalmente no conceito da tradução como expansão lingüística, desenvolvido posteriormente por filósofos, poetas, críticos e tradutores românticos e, mais tarde ainda, referendado por Walter Benjamin e Franz Rosenzweig, entre outros. Ao mesmo tempo, a *Bíblia* de Lutero, fazendo-se ora literal, ora livre, revelou a tradução em toda a sua complexidade e o condicionamento histórico que determina o desenvolvimento de toda e qualquer atividade tradutória.

Para Berman, o fato de a língua e a literatura alemãs terem se criado a partir de uma tradução e se desenvolvido em torno de outras tantas é responsável pela percepção, corrente no contexto intelectual alemão, de que “quanto mais uma comunidade se abre ao que não é ela, mais tem acesso a si mesma” (p. 64). Os diferentes graus e modos através dos quais uma comunidade se relaciona com o estrangeiro revelam a trajetória dessa comunidade no processo de formação de sua identidade cultural.

No capítulo seguinte, “Herder: fidelidade e ampliação”, Berman deixa claro que a relação do próprio com o estrangeiro representou no contexto alemão, a partir de Lutero, a possibilidade de alargamento da língua e da literatura nativas. Em um momento em que a cultura francesa exaltava as traduções belas, porém infieis, o Classicismo alemão, na figura de Herder, entre outros, primou pela defesa da fidelidade na tradução, determinada por uma rigorosidade à letra. Diante de tais prescrições, o tradutor, nas palavras de Berman, assumiria os papéis de “escritor, gênio, criador, erudito e crítico”, tendo por função “captar a unicidade do original, ela própria definida como sua ‘expressão’, seu ‘tom’, sua ‘particularidade’, seu ‘gênio’ e sua ‘natureza’” (p. 76).

“A *Bildung* e a exigência da tradução” é o título do terceiro capítulo do livro. No caminho em direção ao estudo do Romantismo alemão, Berman faz uma pausa para descortinar a importância do conceito de *Bildung* na Alemanha do final do século XVIII e, nesse sentido, aproximá-lo do de tradução, enfatizando, ainda mais, o quanto a abertura consciente e seletiva ao estrangeiro – representado por textos e autores da Antigüidade grega e romana – tornou-se fundamental para a constituição da cultura alemã. O caráter plurissignificativo de *Bildung* vincula esse termo, entre outras coisas, a “cultura”, “processo de formação”, “um *auto-processo* em que há um ‘mesmo’ que se desdobra até adquirir sua plena dimensão” (p. 81) e “o movimento do ‘mesmo’ que, mudando, encontra-se ‘outro’” (p. 81-82). Berman utiliza-se das duas últimas acepções do referido termo, entre outras, para revelá-lo próximo da tradução, pois o movimento da tradução “parte [...] do próprio, do mesmo (o conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desco-

nhecido, o maravilhoso, o *Unheimlich*) e, a partir dessa experiência, retornar a seu ponto de partida” (p. 84).

Ainda antes de se deter na abordagem da tradução no contexto do Romantismo alemão, Berman dedica um longo capítulo, “Goethe: tradução e literatura mundial”, ao estudo do pensamento tradutório dessa importante figura do Idealismo alemão, objetivando mostrar o quanto as suas percepções – frequentemente elevadas a seu expoente máximo – percorreram as posturas de vários dos intelectuais das letras e da filosofia que imediatamente o precederam no cenário cultural da Alemanha. A leitura de Berman do conceito de *Weltliteratur* (literatura mundial) na obra de Goethe não se detém apenas em seu propalado viés xenófobo, ou seja, na defesa de que “o espaço cultural alemão [...] poderia se tornar o ‘mercado de troca’ por excelência” (p. 104) dessa literatura mundial. Na verdade, Berman demonstra que o desenvolvimento do pensamento goetheano contempla o espaço da *Weltliteratur* como plural, marcado por intensas relações de troca, que permitem às diversas literaturas nacionais se encontrar (a si mesmas e às outras) em espaços estrangeiros.

No quinto capítulo, “Revolução romântica e versabilidade infinita”, Berman fornece uma visão mais abrangente do impacto do Romantismo no contexto cultural da Alemanha, apontando para o fato de que o programa romântico girava em torno de três ideais: “unir filosofia e poesia, fazer da crítica uma ciência e da tradução uma arte” (p. 126). A fim de darem conta desses ideais, os intelectuais do período dedicaram-se a infindáveis reflexões sobre a essência do processo de criação, principalmente literária, que apontavam para o caráter incompleto da produção artística original e traduzida. A tradução, nesse momento, passou a se referir não apenas ao processo de passagem de uma língua para a outra, mas a todo o processo reflexivo e comunicativo que gera conhecimento.

No capítulo seguinte, melhor traduzido como “Linguagem da natureza e linguagem da arte” e não como “Linguagem de natureza e linguagem de arte”, como o foi, Berman, uma vez mais, revela a força da presença de um pensamento sobre tradução no contexto do Romantismo germânico, que, desta feita, a aproxima do sentido de poesia que se extrai do período. Desse modo, assim como a poesia cria referentes novos, inusitados e

até inacessíveis para os encontrados na linguagem da natureza, a tradução provoca um sentido de distanciamento e estranhamento da obra original e da própria língua da tradução, ao mesmo tempo que aponta para a sua própria origem, para a língua pura, sobre a qual fala Benjamin em seu ensaio sobre as traduções que fez de poemas de Baudelaire.

Em “A teoria especulativa da tradução”, capítulo sete de seu livro, Berman se dedica a desvelar o caminhar do pensamento tradutório durante o Romantismo alemão, detendo-se especificamente em textos de Novalis e Clemens Brentano. As considerações de Berman em torno de dois textos de Novalis permitem que se perceba o quanto estão vinculadas a esse contexto noções tais como as de que o original traz em si a possibilidade de sua própria tradução; de que a tradução aponta para a pré-existência de uma idéia da obra e de que a tradução é responsável pela sobrevida do original, transplantando-o a um estágio mais avançado de perenidade. Por outro lado, a abordagem do pensamento tradutório de Brentano aponta para a percepção da inviabilidade da tradução poética, recorrente entre os representantes da fase mais tardia do Romantismo alemão e determinada pela impossibilidade da tradução dos aspectos sonoros dos poemas.

No oitavo capítulo, “A tradução como movimento crítico”, Berman desvela o lugar ocupado pela crítica literária no Romantismo alemão. Nesse contexto, ela é um ato de interpretação não só filológica, como também filosófica: o resgate do “‘sentido infinito’ da obra” (p. 218). Esse movimento empreendido pela crítica literária almejada e praticada pelos românticos a aproxima da concepção da tradução vigente nesse período, na medida em que ambas as atividades apontam para a existência de um sentido transcendental e mítico da obra em torno da qual giram. A despeito da primazia conferida à crítica literária pelos intelectuais desse período, a tradução, nesse momento, alcançou um patamar de destaque inusitado, na medida em que se considerou que a obra contém em si a semente de sua própria traduzibilidade, ou seja, ela “permite a tradução, a requer como necessidade própria e, além disso, faz dela uma operação histórica plena de sentido – tanto lingüística e culturalmente quanto psicologicamente” (p. 223). Desse modo, a

apologia da tradução literal, em contraposição ao que acontecia no contexto cultural francês, ganhou terreno no contexto do romantismo alemão.

Berman dedica os três últimos capítulos de *A prova do estrangeiro* a discutir a participação de expoentes máximos da cultura germânica na sedimentação de preceitos que determinaram os rumos do desenvolvimento do pensamento romântico na Alemanha.

Em “August Wilhelm Schlegel: a vontade de tudo traduzir”, Berman destaca esse intelectual ímpar, poliglota e conhecedor de várias artes, como um dos maiores tradutores alemães de todos os tempos e mostra o quanto a teoria da tradução poética por ele erigida foi coerente com a sua prática extensiva dessa atividade e o quanto o seu raciocínio tradutório contribuiu para sua atuação como crítico e filólogo.

Berman, em “F. Schleiermacher e W. von Humboldt: a tradução no espaço hermenêutico-lingüístico”, uma vez mais procura enfatizar a prevalência entre os românticos da consciência da importância da experiência do estrangeiro, acarretada pela tradução, para o conhecimento de si mesmo, apontando para as motivações históricas de tal concepção. Nesse sentido, ele aborda o pensamento tradutório de Schleiermacher, por ele considerado “o único estudo [...] que constitui uma abordagem sistemática e metódica da tradução” (p. 259) na Alemanha romântica, desvelando os dois principais métodos de tradução por ele mencionados: o da tradução domesticante e o da tradução estrangeirizante, recuperados contemporaneamente por Lawrence Venuti. O breve exame do pensamento hermenêutico humboldtiano tem por objetivo entrelaçar pensamento, linguagem e tradução.

No último capítulo do livro, “Hölderlin: o nacional e o estrangeiro”, Berman revela ter extraído o título de seu livro de referências feitas por Hölderlin à sua própria prática tradutória e por Heidegger a essa mesma prática. Hölderlin congregou em suas traduções do grego para o alemão o que lhe era estrangeiro e o que lhe era próprio, nelas resgatando as tradições dessas duas línguas. Nas palavras de Berman, “as traduções que Hölderlin faz dos poetas gregos obedecem, em todos os níveis, a uma total necessidade. *Elas assinalam o ponto mais ex-*

tremo dessa 'grecização' do alemão na obra em sua poesia. Mas pode-se dizer também, inversamente, que é o alemão mais 'nativo' que é utilizado para devolver a força falante do grego" (p. 299). Tais traduções, historicamente determinadas, se fizeram literais e, nesse sentido, apontaram para a confusão e a delimitação das línguas, inserindo-se numa tradição inaugurada por Lutero e levada adiante por tradutores como Klossowski e Franz Rosenzweig.

Berman, na "Conclusão" de *A prova do estrangeiro*, incita todos a considerarem a tradução uma atividade que contribui para a revitalização das trocas interlingüísticas e interculturais, da experiência do Outro, da prova do estrangeiro, e reivindica, principalmente no contexto francês, a constituição de uma disciplina, a Tradutologia, talvez, que leve em conta o caráter intertextual das atividades de tradução, ou seja, os entrelaçamentos por ela estabelecidos com disciplinas que se ocupam de questões pertinentes à linguagem e à história (a filosofia, a psicanálise, a etnologia e a literatura comparada, entre tantas outras).

A prova do estrangeiro é mais um título que se soma aos diversos publicados pela EDUSC no ano de 2002 sobre tradução. A contribuição que essa editora vem fornecendo ao desenvolvimento dos estudos da tradução no contexto brasileiro engloba a publicação de obras produzidas originalmente em português, como *O Clube do Livro e a tradução*, de John Milton, e traduzidas, como *O escândalo da tradução*, de Lawrence Venuti, e *Construindo o tradutor*, de Douglas Robinson. Segundo informações colhidas no site da editora, estão em fase de tradução para lançamento próximo *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*, de André Lefevere, e *Readings in translation theory*, de Andrew Chesterman. Encontram-se, ao longo das 350 páginas que constituem o livro de Berman, alguns pequenos problemas de revisão, que, no entanto, não desmerecem a qualidade editorial dispensada pela EDUSC ao mesmo.

A prova do estrangeiro foi primeiramente apresentado por sua tradutora, Maria Emília Pereira Chanut, para fins de obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura pela UNESP, em 2001, o que referenda a qualidade de seu trabalho. No entanto, a versão para publicação em larga escala certamente mereceria

ver acrescidas aos títulos de obras originalmente escritas em alemão as suas possíveis traduções para o português. Além de mencionar freqüentemente títulos de obras em alemão, Berman utiliza um grande número de termos nessa língua. Embora perceba-se a preocupação de Chanut de traduzir esses termos ou explicar o seu sentido, nota-se uma falta de consistência na utilização desse procedimento, o que, entretanto, não empana o brilho de sua empreitada.

É indubitável a relevância do estudo de Antoine Berman não só para os profissionais – sobretudo da academia – interessados nos aspectos filosóficos da tradução, nas suas relações com disciplinas afins e nos diálogos estabelecidos entre o pensamento tradutório contemporâneo e a tradição da tradução na Alemanha, como também para os que procuram avaliar o impacto do pensamento romântico alemão no desenvolvimento da literatura e da crítica literária. Os esforços da EDUSC e da tradutora em trazerem até o contexto brasileiro a obra de Berman demonstram o crescente interesse que essa área de estudos vem adquirindo entre nós e, nesse sentido, devem prosseguir e frutificar.